

*A Natureza, ela mesma é a doença,
e só ela sabe o que é a doença.*

PARACELSO

É raro um pinhal ser apenas um aglomerado de árvores. Mesmo na Transilvânia, com a densa obscuridade que projectam os cedros no espaço vegetal, não se trata apenas de um aglomerado de árvores; há um acordo entre o sentimento humano e aquela formação botânica de raízes e de ramos. As glandes parecem acabadas de suspender, como se contivessem um pequeno presente de Natal ou de aniversário — um menino de ouro, com bracinhos curvos e palpitantes.

À beira-mar, na corda atlântica, um pinhal é sempre um acontecimento. Não só o Pinhal Real, com as clareiras que parecem manchas sangrentas, coloridas pela agulha vermelha que a chuva carregou mais, mas os pinhais da Tocha e de Lavos são lugares de certo modo inacessíveis. Quero dizer que os habita uma lenda, às vezes só o pressentimento de uma lenda; e que, mesmo os pinhais concorridos pelo turista de fim-de-semana, ou os que estão povoados de estranhos chalés e moradias funcionais, de arquitectos e de médicos bem-sucedidos, contêm um espírito errante e de que é preciso desconfiar. A sua solidão, às vezes tão flagrante, é fictícia. Percorre-os um sopro morno e perverso, algo como uma turba de instáveis forças, traiçoeiras e, no melhor dos casos, caprichosas. Talvez por isso, os pinhais são escolhidos como propícios a sanatórios. Na Gelfa e em Valadares construíram-se em tempos casas de saúde que corresponderam, é certo, a uma época naturista mas que, a contar com os inconvenientes do clima marítimo, não seriam aconselháveis nos casos mais

inofensivos de qualquer enfermidade. E, no entanto, parece grassar a crença em todo o mundo de que o pinhal é benéfico; não as montanhas ou o mar, mas a proximidade da sombra tutelar em que os druidas decerto estabeleceram as suas conferências.

Em Valadares está ainda presente uma dessas casas de saúde de uma nobre aparência, isto é, produzidas no convénio excelente que pode haver entre a função de curar e o espírito de captar a energia local, quase sempre uma energia endémica que o pinhal ou o mar representam. Quando esta história começa, a casa tinha já uma experiência e uma tradição. Edificada por uma espécie de inspiração a que não faltava orgulho e o desejo de perpetuar os conflitos próprios de uma personalidade, ela apresentava-se com a elegância de um hotel das Baleares. Se no seu amplo átrio estivesse uma arara acorrentada, a ilusão seria completa. Mas havia só algumas cadeiras de verga manchadas de um caruncho negro, que em Formentor seriam qualificadas como desperdícios próprios para um asilo de velhos. E, todavia, o desenho e a mão-de-obra dessas cadeiras das ilhas eram apreciáveis ainda. O espaldar alto protegia as costas como uma gola à Médicis e dava ao mais insignificante dos hóspedes um ar verdadeiramente real. Era o caso de Mateus (Mateus Alba Pereira, é preferível dizer desde já), que era um homem pequeno, franzino, de pés curtos de bailarino, e que parecia, ali sentado, um príncipe de Bourbon. Para isso, tinha a favorecê-lo o ar sempre descontente e altivo que lhe valera, na sua província, o nome de «Assanhado». Toda a família era conhecida pelos «Assanhados», o que constituía para Mateus, cujo prestígio e fortuna não puderam estancar o apelido fortemente colado à pele, uma espécie de honra sinistra, como para Pedro de Espanha e Pedro de Portugal fora o apodo de *Cruel*, e como resultara ser para o general Loison o nome de *Maneta*, e outros assim.

Mateus «Assanhado», ou Mateus Alba Pereira, agora com cinquenta e oito anos, e de visita a sua irmã enferma, *Dessert*, nome da infância, era banqueiro e proprietário no Douro. O prestígio local estava dependente da cultura de uma sociedade em constante crise de organização, ou pelas epidemias do seu vinhedo, ou pelos desgastes da avareza e da penúria. Por isso a palavra «banqueiro» não tinha qualquer hipótese de recepção gloriosa e era identificada com banqueiro, o Caronte das barcas do Moledo, que transportava feirantes

e abades com o viático. Adeus fantasia cósmica de se parecer, na imaginação do povo, a um Zeus capaz de fazer chover ouro! Mateus Alba Pereira, na calçada de Fontelas de Cima, era o «Senhor Barqueiro» ou o «Assanhado». E, como o viam pouco, guardavam-lhe um respeito timorato, apoiado de maldoso riso, sem prazer. Não digo isto para que a massa da sociedade vergada aos seus dissabores de hipotecas ou à carência de proteínas se julgue reabilitada. Nela, o desprezo pelos ricos é um preconceito destinado a manter o equilíbrio das espécies. Há tanta intolerância nos pobres como nos afortunados, provavelmente pelas mesmas razões, as de que nenhum grupo humano vá além dos seus limites.

O mais novo de três irmãos — António e Inácio tinham já falecido —, ele encontrava-se viúvo de Aura, que fora, por ordem cronológica, a mulher dos mais velhos Alba Pereira. Nesse momento, às seis horas da tarde de um dia de Outono de 79, Mateus não estava de humor comemorativo e sentia-se descontente e hostil para com tudo o que o rodeava. O chá que pedira chegara morno, e é sabido como biblicamente se diz que o chá morno é exemplo de abominação. A convalescença de Dessert, ou Adelaide, era morosa e acompanhada de exames pouco satisfatórios; além disso, a clínica, que fora um modelo de bom gosto e de singularidade, com os seus *parquets* de madeiras brasileiras e as suas colunas de mármore branco, estava em plena decadência. Por dentro era Pártenon manco, e por fora parecia, nos dias de chuva desabrida, uma ruína da Atlântida. Mateus arrependia-se de ter cedido às suas velhas reminiscências, dos tempos em que admirava o Dr. Antero, pai, fundador, cujo retrato se via na sala de visitas na parede forrada de papel-damasco. Pensara-se tirar dali o retrato, quando outra direcção substituía o velho Dr. Antero já inválido, mas a mancha que ficava no papel era deveras deprimente. Mateus pensou no pai do seu amigo, com aquele bigode ralo cortado em escova e os fatos de flanela cinzenta que depois substituiu por um casaco com cotovelos de camurça. Ambos gostavam de caçar e, com Arnaldo Conceição, um proprietário das cercanias de Lamego, constituíam um trio de Nemrodes bastante temíveis. A Campeã conhecia-lhes os passos, e havia famílias de perdizes salmantinas que contavam com arrulhos de espanto as fugas às caçadeiras dos três amigos em terras do Cachão da Valeira e da Muxagata. Os Conceições e os

Alba Pereira eram vizinhos, e os seus solares batidos pelos ventos do Marão erguiam-se na estrada de Armamar e Fontelas como cruzadores meio afundados. Mas o recheio era ainda soberbo, com imensa variedade de oratórios e contadores indianos e umas voltaireanas de veludo verde que pareciam provir do próprio Castelo de Sans-Souci. Amizades herdadas, pois avós e pais também tinham sido vizinhos e amigos, ora o vento da cupidez as corrompia, ora caíam em abandono pelo tédio que até os grandes sentimentos acarretam. Os sentimentos arruínam-se como os edifícios. Os Alba Pereira e os Conceições tinham travado batalhas de generosidade e de traição, a ponto de, por dívidas solenes, por humilhações e paixões da honra, tentarem o assassínio. Se a amizade prevalecia na revelação daqueles insultos, morria-se de pena, que era a cólera dos delicados.

Sentado no átrio da clínica, Mateus pensava com incredulidade na morte quando se tratava do fantástico Conceição, homem poético, embora de índole prática e bem informada dos desastres prosaicos do vasto mundo. A doença parecia-lhe um subterfúgio para o descontentamento dos homens. De outro modo não seria explicável a enfermidade de Arnaldo Conceição, quando ele tinha vinte anos, ou menos ainda; e depois aquela espécie de recaída, aos sessenta anos, de que a sua morte resultou. Foi como um bailado o êxtase dessa doença, primeira doença, situada na esfera celeste. Quando o céu adocece e o homem enferma também. Primos, primas, amigos e parentes dos que raramente são identificados vinham visitar Arnaldo Conceição no seu leito, branco e, ao que parecia, agonizante. Uma candura, feita de ignorância e de atraso voluntário feito à morte, marcava o tratamento da doença. Ninguém parecia acreditar senão numa febrícula ligeira e na romântica fuga ao tempo viril em que havia compromissos severos, colarinhos sem uma engelha, a memória lisa e implacável, as rugas paralelas na testa, fundas, por um nada, por um cumprimento ignorado, por um riso que alertou o orgulho. Arnaldo adoeceu quase de repente, logo depois do Pentecostes, da confissão pascal. Aparentemente parecia satisfeito com os seus cães *Marão* e *Lero*, bons narizes, marradores da galinhola e com boca leve para a presa. A mãe Alba Pereira, dona Hipólita, dizia: «Amigo do bom tempo e cão vadio entram de rastos e saem de rabo alçado.» Ela era ciumenta de todos, presentes e ausentes, e recebia sempre

mal tudo o que lhe parecia um corpo estranho na casa da sua juventude. A memória e os sentimentos tinham cristalizado numa idade precoce, entre os quinze e vinte anos. Do primeiro tempo de casada ainda tinha algumas recordações, e dos filhos pequenos; depois, algo da sua natureza afectiva se foi atrofiando e, pouco a pouco, ganhou aquela impertinência que era uma espécie de orgulho sem objecto que a fazia inimiga de toda a gente e queixosa do mundo inteiro. As mães raramente são maternais. Mateus descobrira isso nas suas breves meditações filosóficas, essas também áridas e pouco propensas a expansões. Hipólita, sempre vestida modestamente mas capaz de gastar o rendimento de um ano em benefício de uma glória imaginária e mesquinha, como fazer qualquer negócio ruinoso com alguém que a adulasse, mesmo sem muita perícia, era um enigma para ele. Talvez fosse tímida face às paixões que a habitavam. A vida de família corrompe muito da originalidade humana. Decerto se ela, Maria Hipólita, fosse uma actriz experiente de homens e de sucesso, embriagada de aplausos, com uma história empolgante de traições e de dissipação, seria uma mulher interessante, como Inácio Alba dizia que ela era. Inácio era o filho preferido, o mais exótico, parecido com um galã, exibicionista e secreto ao mesmo tempo. Muito escuro, com uma magreza de guru, cheio de pequenas manias alimentares, fracamente inclinado às mulheres, entendia-se com a mãe quase sem ter diálogo com ela. Entrava na cozinha, onde ela estava entregue aos serviços mais grosseiros, o que parecia acalmar nela um frenesi, uma perturbação semelhante a uma raiva insanável, e dizia-lhe:

— Vai continuar a fazer isso? Deixe os esfregões, minha mãe. Olhe que mãos! — As belas mãos de Hipólita, onde se adelgagara uma aliança de ouro a ponto de parecer ir abrir-lhe um golpe no dedo, estavam cheias de vincos onde se entranhara o suco dos legumes e, como ela dizia, «o suor das facas de cozinha».

— Não tenho ninguém que faça nada... Se não for eu, quem dá conta do recado?

Trabalhava muito, sempre rodeada de gente imprestável, tagarela, afeiçoada e que se ligava a ela por uma espécie de desprezo ávido, porque o rebaixamento da ama a compensava das humilhações que lhe sofriam. Sem essa simbiose de misérias e de castigos, tudo seria mais insuportável.